

Presidente nega disputa entre Meirelles e Mantega

Pablo Martinez Monsivais/AP

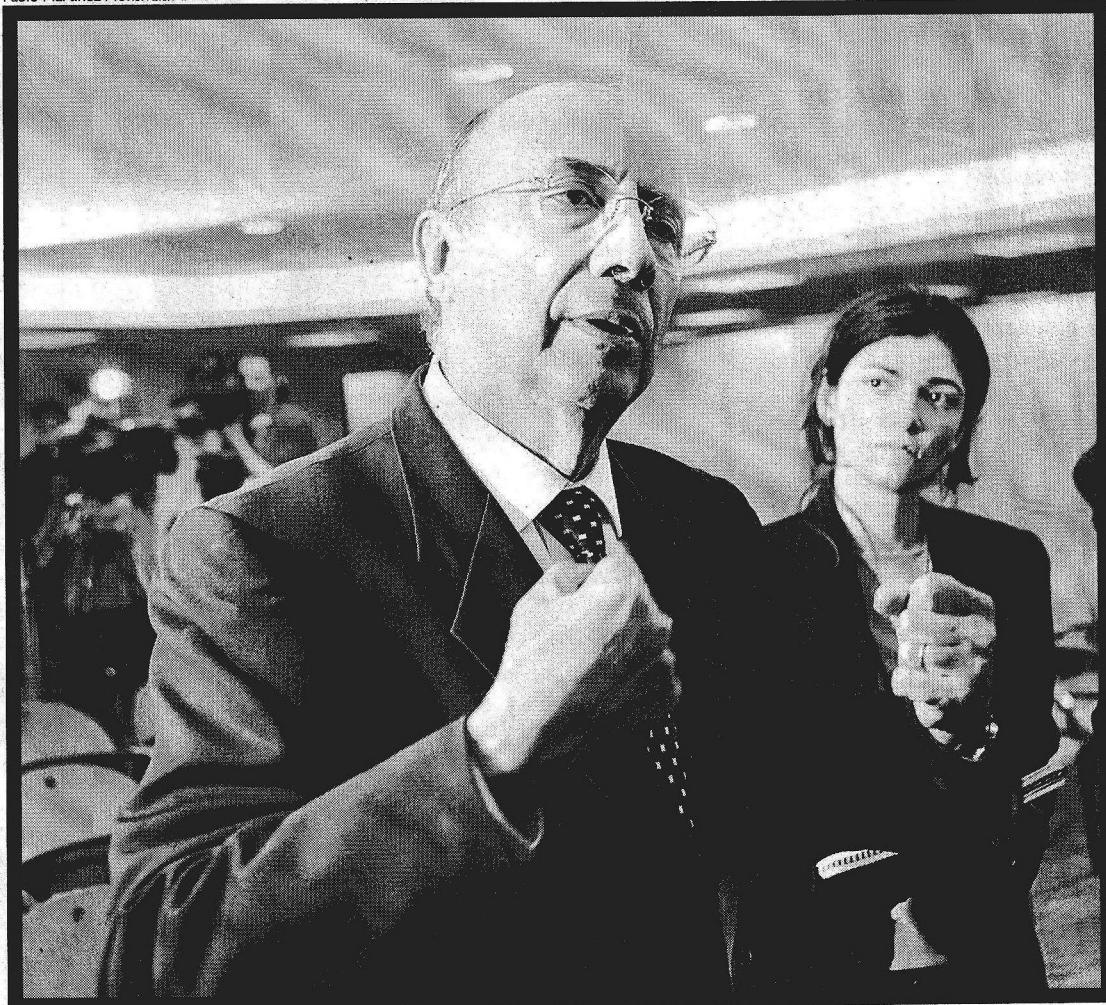
O presidente Luiz Inácio Lula da Silva minimizou os atritos entre o ministro da Fazenda, Guido Mantega, e a direção do Banco Central em relação à política de taxa de juros. Enquanto o BC defende reduzir o ritmo de queda da taxa Selic, que é de 15,75% ao ano, Mantega acredita que há espaço para uma redução mais acelerada. Em uma improvisada entrevista coletiva no Feirão da Casa Própria, promovido pela Caixa Econômica Federal, em São Paulo, Lula disse que essa é uma questão a ser resolvida pelo presidente da República.

"Primeiro não há disputa entre Guido e o Banco Central. Se alguém tem divergência com alguém, essa divergência será dirimida pelo presidente da República. Ou seja, nem o Banco Central está lá para divergir do Guido nem o Guido está lá para divergir do Banco Central. Eles estão lá para trabalhar e dar resultados positivos à sociedade brasileira", afirmou Lula.

Também na capital paulista, o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, afirmou que não pode reduzir a taxa de juros sem olhar a realidade econômica do país. – O BC tem de trabalhar dentro da realidade econômica do país, e o país como um todo tem de trabalhar visando a melhora nas condições econômicas – disse ele, em discurso durante almoço promovido pelo Instituto Brasileiro de Executivos de Finanças (Ibef).

Equilíbrio

Henrique Meirelles afirmou também que recebeu "muito bem" as declarações feitas na quinta-feira pelo ministro da Fazenda e disse ainda que as declarações de Mantega sobre a ata do Copom foram equilibradas e que há sintonia entre o Ministério da Fazenda e o Banco Central. "Minha sintonia e diálogo com o ministro Mantega é a



SEGUNDO MEIRELLES, A SINTONIA E O DIÁLOGO COM O MINISTRO DA FAZENDA SÃO OS MELHORES POSSÍVEIS

JUROS
15,75%
é a atual taxa básica da economia, depois da queda de 0,75 percentual

melhor possível", acrescentou o presidente do Banco Central.

Segundo ele, as decisões do Copom têm se pautado por evitar a volta da inflação no futuro. "A experiência mostra, não só no Brasil como em outros paí-

ses, que o banco central que tenta baixar a taxa de juros mais do que as condições da economia permitem naquele momento faz com que os agentes econômicos passem a prever uma taxa de juros no futuro porque a inflação vai subir. Meirelles disse ainda que, para atingir a meta de inflação, o BC tem "uma margem pequena" para calibrar sua política monetária. "Se ficar de brincadeirinha, com mágicas para agradar a população, a inflação sobe de novo", ressaltou ele.

No início do seu discurso, o presidente do BC fez referência à última ata do Copom. Divulgada

na quinta-feira, ela fala em "parcimônia" no ritmo de corte dos juros. Respondendo a críticas, Meirelles disse que a ata é auto-explicativa e que não é função do documento fornecer indicações precisas sobre as próximas decisões da política monetária. "Se fosse este o caso, então deveríamos publicar uma tabela com um ano ou dois à frente" ironizou e acrescentou: "Cada ponto da ata é redigido e discutido de maneira ampla para que o documento seja auto-explicativo. Se o Banco Central afirma na ata que existe incerteza sobre um assunto "x", é porque existe incerteza sobre o assunto "x".